



O USO DAS REALIZAÇÕES AFRICADAS [TCH] NA PAISAGEM LINGUÍSTICA DA CIDADE DE CÁCERES-MT

Mariana de Sousa Modesto Silva (UNEMAT)¹
Jocineide Macedo Karim (PPGL/UNEMAT)²
Elisandra Benedita Szubris (PPGL/UNEMAT)³

Resumo: Este artigo tem o objetivo de investigar a Paisagem Linguística (PL) da cidade de Cáceres, Mato Grosso, observando as variações linguísticas presentes e suas manifestações culturais. A pesquisa concentrou-se na análise das realizações africadas [tch] em substituição à fricativa [ch], materializadas em fachadas e sinalizações públicas que publicizam algo na cidade. Utilizou-se como *corpus* registros fotográficos que documentam tais usos no espaço urbano. A partir da análise dos dados coletados, foi possível comprovar a existência da variação linguística em nível gramatical e fonológico, evidenciando a conservação de traços culturais do período colonial e a influência da migração na constituição da variante cacerense. Como resultado, identificou-se que as realizações africadas [tch] extrapolam o âmbito da oralidade e estão incorporadas à escrita informal das paisagens linguísticas locais, reforçando a identidade cultural e linguística da comunidade. Estudos como este contribuem para a descrição do comportamento social e para o reconhecimento das variantes cacerenses como patrimônio linguístico imaterial, promovendo o respeito e a valorização desses usos.

Palavras-chave: Sociolinguística; Paisagem Linguística; Variante Cacerense; Africada; Identidade.

Abstract: This article aims to investigate the linguistic landscape of the city of Cáceres, Mato Grosso, observing the linguistic variations present and their cultural manifestations. The research focused on analysing the use of affricates [tch] in place of the fricative [ch] in public signage and facades advertising something in the city. Photographic records documenting such uses in urban spaces were used as a corpus. Based on the analysis of the collected data, it was possible to prove the existence of linguistic variation at the grammatical and phonological levels, evidencing the preservation of cultural traits from the colonial period and the influence of migration on the constitution of the Cacerense variant. As a result, it was identified that affricate realizations [tch] go beyond the realm of orality and are incorporated into the informal writing of local linguistic landscapes, reinforcing the cultural and linguistic identity of the community. Studies such as this contribute to the description of social behaviour and the recognition of Cacerense variants as intangible linguistic heritage, promoting respect and appreciation for these uses.

¹ Graduanda em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Bolsista de Iniciação Científica da FAPEMAT/UNEMAT. E-mail: mariana.sousa@unemat.br.

² Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora do Departamento de Letras e do PPGL (UNEMAT); Coordenadora do Núcleo de Pesquisa DIVALIN e do Projeto de Pesquisa: Falares do Pantanal: documentação e valorização do patrimônio linguístico de Cáceres-MT. E-mail: Jocineide.karim1@unemat.br. CV: <http://lattes.cnpq.br/2146448441116365>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3373-4476>

³ Doutora em Linguística pela UNEMAT. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa DIVALIN e do Projeto LINFRON (UNEMAT). E-mail: elisandra.benedita@unemat.br. CV: <http://lattes.cnpq.br/9750369591428213>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6217-2367>.



Keywords: Sociolinguistics; Linguistic Landscape; Cacerense Variant; Africada; Identity.





1 Introdução

A cidade de Cáceres é uma fonte rica para a pesquisa linguística, já que, ela, ainda mantém no falar cacerense os traços e as marcas culturais que remetem ao Brasil da era colonial, como: as expressões usadas naquela época (uso das africadas [tʃ] e [dʒ] e a troca do ditongo-ão [ãw] por [õ/õw]) e os diferentes traços regionais advindos da migração incorporados à variante cacerense, que, de alguma forma, enriqueceram o falar local. Assim, nossa proposta visa analisar esses fenômenos linguísticos que se fazem presentes nas Paisagens Linguísticas (PL) da cidade.

Ao investigar a presença da variação linguística do falar cacerense nas fachadas locais que publicizam algo, identificamos a existência dos usos das realizações africadas [tʃh/tʃ] ao invés da fricativa [ch/j]. Como objetivo geral verificamos se essas variações encontradas estão em nível gramatical e/ou fonológico. E como objetivos específicos tivemos a intenção de registrar, estudar e identificar a origem dessa variação.

Por meio da coleta fotográfica, *corpus* deste artigo, de publicações expostas pela cidade, capturamos as imagens informativas que manifestam a cultura de Cáceres. Como uma imagem é mais que um fenômeno estético e expressivo, e sim um dispositivo de natureza comunicativa, que transcende um discurso informativo, a mesma é suscetível de ser analisada. Além disso, pode-se levar em conta as diversas funções comunicativas que desenvolve e os diversos estratos significativos que a constroem, levando em conta os traços que empregam para sua representação.

Constatando na Paisagem Linguística local a presença da variação linguística, que para Martelotta (2008) é um fenômeno cultural resultante de fatores linguísticos, definidos como diatópicos (geográficos) e diastráticos (sociais), percebemos as diferenças no falar da comunidade cacerense nativa, que assim como as demais comunidades de fala possui um conjunto de variedades linguísticas, um repertório verbal próprio e identitário. E através da observação, percebemos que a variação local passou do âmbito da comunicação verbal para a modalidade da escrita. Usando os procedimentos de análise da Sociolinguística, permitiu-se o estudo desses fenômenos linguísticos.

2 Sociolinguística, Variação Linguística e Identidade Cultural

Desenvolvida na década de 1960 pelos pesquisadores William Labov, Gumperz e Dell Hymes, a Corrente Sociolinguística passou a considerar a relação entre a língua e seus usos



reais, inseridos em uma sociedade marcada por diferentes aspectos sociais e culturais. Diferentemente do Estruturalismo de Saussure (1916) e do Gerativismo de Noam Chomsky (1957), a Sociolinguística Variacionista incluiu em suas análises e estudos as variações linguísticas das comunidades de fala, ampliando o olhar para aspectos sociais que antes não haviam sido contemplados por essas teorias. Nos estudos de William Labov acerca das diversidades linguísticas denominadas como variedades linguísticas, fenômenos culturais motivados pelos fatores linguísticos (Martelotta, 2008), é imprescindível a compreensão dos fatores sociais da comunidade de fala, caracterizada pelas diferentes formas de falar, chamadas de variações linguísticas. Diante dessa multiplicidade da língua, ao dizermos palavras diferentes que possuem o mesmo significado e valor de verdade, utilizamos as variantes linguísticas que, por sua vez, quando relacionadas ao seu conjunto, são nomeadas de variáveis linguísticas.

Conforme Martelotta (2008), com o estudo da variação há um resultado sistematizado da linguagem. Nele os linguistas estabelecem normas que possibilitam explicações acerca das variantes da língua, considerando fatores como o contexto linguístico, social, sexo, idade e etc.. Sendo assim, a partir de 1890, os efeitos dessas análises sociolinguísticas demonstraram a presença das variações e diversidades linguísticas em todas as línguas em um determinado momento.

Para Bright (1974), a diversidade linguística está ligada a um conjunto de fatores sociais. Considerando as identidades sociais dos falantes e ouvintes, no contexto social, as diferenças entre falas formais e informais são determinadas. Considerar a forma como as pessoas usam as línguas e como creem em seu próprio comportamento linguístico e dos outros, condiz com as suas atitudes e comportamentos linguísticos. E, atualmente, essas formas variacionista podem ser compreendidas e divididas em três ondas de análise.

Nesse percurso de compreensão das práticas sociais e linguísticas, os estudos da Sociolinguística avançaram no sentido de sistematizar suas abordagens analíticas. Baseando-se em Freitag (2012) e Eckert (2012), Veloso (2014) descreveu que os estudos sociolinguísticos são distinguidos em três ondas de análise que apresentam diferentes abordagens de variações linguísticas.

A primeira onda surge com os estudos de Labov (1966), sobre a análise e classificação do inglês afroamericano (AAVE) na cidade de Nova Iorque, que permitiu estabelecer a relação entre os usos das variantes não-padronizadas com a condição socioeconômica. Com os padrões sociais e linguísticos regularizados, surge a segunda onda com uma abordagem etnográfica e estudo quantitativo das variáveis vernaculares locais, permitindo a descoberta das categorias



sociais. O foco dessa consiste nos conceitos de comunidades de fala e de identidade de grupo. Quanto à terceira onda, Freitag (2012) descreve que são combinados os estudos da metodologia quantitativa, presente nas ondas anteriores, o *corpus* constituído de modo a contemplar a dimensão mais cotidiana com observações participantes.

Os estudos de primeira e segunda ondas têm como foco a descrição da estrutura – um retrato estático. Os estudos de terceira onda incorporam a dinamicidade da estrutura, ou seja, como a estrutura se molda no cotidiano, com os condicionamentos sociais impostos e as relações de poder estabelecidas atuando sobre ela. (Freitag, 2012, p. 922)

Nos estudos variacionistas atuais, a construção da prática estilística permite a identificação das diferentes maneiras de falar, criadas através das combinações variáveis desses falantes, resultando na formação de suas identidades localizadas na ordem social. Além de sociais, essas identidades são culturais e linguísticas, resultantes das atitudes linguísticas que, para Tarallo (2010), são as “armas”/identidade linguística usadas pelos falantes de uma comunidade. A identidade do falante, de acordo com suas produções linguísticas, pode revelar qual sua posição, papel e posicionamento no meio social.

E por meio das investigações desse artigo, identificamos alguns exemplares dessas “armas” utilizadas como identidade linguística da comunidade cacerense. Ao encontrarmos presentes nas materialidades das Paisagens Linguísticas da cidade de Cáceres-MT, as realizações africadas [tch/ʃ], que segundo Macedo-Karim (2012), são variações originárias da conservação dos traços característicos das regiões mais antigas do Mato Grosso, mais os usos do português europeu arcaico, verificamos que esses fenômenos linguísticos, que identificam o falar local, também se realizam na modalidade escrita, comunicados por meio dos signos visuais.

Desse modo, torna-se imprescindível, ao tratar da variação linguística e de seus usos na comunidade cacerense, considerar também a noção de identidade cultural. Conforme Stuart Hall (2006), as identidades culturais não são fixas, imutáveis ou naturais, mas resultam de processos contínuos de significação, sempre situados no tempo e no espaço, sendo construídas e reconstruídas a partir das relações que os falantes mantêm com as práticas culturais, com as representações e com as marcas históricas que compõem as comunidades a que pertencem. Hall afirma que as identidades culturais emergem da diferença, do contato e da negociação, sendo, portanto, fragmentadas e plurais, construídas em meio às disputas de poder e aos processos de representação.



No contexto da comunidade cacerense, observa-se que os traços linguísticos presentes nas Paisagens Linguísticas são, além de variantes fonético-fonológicas, práticas discursivas que reforçam e reafirmam uma identidade cultural local. Essa identidade se apresenta como uma construção social que remete a uma memória coletiva e a sentidos compartilhados sobre “ser cacerense”, revelando, por meio da linguagem, as singularidades e os pertencimentos desse grupo social. Assim, a variação linguística materializada nas paisagens da cidade expressa não apenas um fenômeno linguístico, mas um importante elemento constitutivo da identidade cultural da comunidade, que se inscreve no espaço urbano e afirma sua presença enquanto falante coletivo.

3 Metodologia, Paisagem Linguística e *Corpus*

De acordo com Bagno (2017, p. 224):

O conceito de língua é dos mais difíceis de definir. Há razões para acreditar que a linguagem é um dado biológico, é uma das faculdades do nosso cérebro e, portanto, pertenceria ao reino da Natureza. Mas também é incontestável que as línguas são o elemento mais importante de uma cultura, de uma sociedade. Seu vínculo estreito com a identidade individual, comunitária e nacional converte a língua ou as línguas em poderosos fatores de tensão política, de sofrimento psicológico, de manipulação ideológica e de toda sorte de dinâmica sociocultural.

Nesse sentido, compreendemos a língua não apenas como um sistema de signos estruturado, mas, sobretudo, como um registro histórico e descritivo das práticas sociais que definem uma determinada sociedade. A língua carrega, em sua materialidade, marcas dos modos de vida, das relações de poder, dos valores culturais e das experiências cotidianas dos falantes, funcionando como um espelho simbólico das interações sociais ao longo do tempo.

De acordo com Labov (1966), sendo atuantes e constantes as pressões sociais que incidem sobre a língua, a existência das variações linguísticas torna-se inevitável. Isso significa que, longe de serem meros desvios, as variações expressam as dinâmicas sociais em curso, refletindo os modos como os grupos se organizam, interagem e se identificam. Assim como a própria língua, que é construída historicamente por seus falantes, as variantes linguísticas podem ser compreendidas como heranças culturais e identitárias. Nesse sentido, elas nos oferecem pistas valiosas para a compreensão das práticas sociais que se perpetuam e se transformam ao longo do tempo, revelando aspectos significativos da memória coletiva, da



convivência entre grupos sociais e das hierarquias de prestígio que moldam o imaginário linguístico.

A esse respeito, Tarallo (2010, p. 14) afirma que “[...] atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes, usadas para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”. Com essa metáfora, o autor destaca o papel ativo que os falantes exercem ao utilizar a linguagem como um instrumento de afirmação e pertencimento. As atitudes em relação à língua, portanto, estão profundamente entrelaçadas com a construção de identidades sociais e com os mecanismos de distinção simbólica entre os grupos.

Contudo, ao mesmo tempo em que essas variantes linguísticas operam como marcadores identitários e mecanismos de resistência cultural, elas também são alvo de julgamentos valorativos que se fundamentam em uma hierarquia linguística historicamente construída.

Conforme observa Calvet (2002, p. 67), muitas vezes essas variações são vistas de forma depreciativa, não como “armas” de expressão cultural, mas como marcas de um falar, submetido a escalas de prestígio social. Diante dessa realidade, torna-se urgente desconstruir tais concepções discriminatórias, reconhecendo que o valor atribuído às formas linguísticas decorre de relações de poder, e não de critérios linguísticos intrínsecos.

É com base nessa perspectiva crítica, ancorada na concepção de que a língua constitui um conjunto de normas sociais em funcionamento (Labov, 1972, p. 140), que se fundamenta este trabalho. Reconhecendo que a Sociolinguística valoriza as diferentes variedades presentes nas comunidades de fala, buscamos identificar e analisar as variações que compõem a identidade linguística da comunidade cacerense. Com especial atenção às ocorrências registradas nas Paisagens Linguísticas da cidade, procuramos compreender de que modo essas manifestações visuais — sejam em placas, letreiros ou outros suportes urbanos — incorporam traços da oralidade local e reforçam práticas de pertencimento e de visibilidade linguística. Ao lançar luz sobre essas variações, pretendemos contribuir para o reconhecimento das formas de falar da comunidade como parte de seu patrimônio linguístico e cultural.

Nesse sentido, analisando as imagens coletadas de onde foram extraídos os traços estudados, usando os construtos teóricos da Teoria Variacionista, de Labov (1966), conseguimos compreender mais sobre a variante cacerense. Desse modo, verificamos se nos registros fotográficos realizados há um nível gramatical e/ou fonológico da variante de Cáceres. A presença dessas variações linguísticas nas Paisagens Linguísticas locais, utilizadas para



vincular os usos linguísticos do falar cacerense, motivou a coleta do *corpus*, que são os registros fotográficos, para realização das análises desta pesquisa.

Segundo o conceito de Landry e Bourhis (1997), entendemos que a “visibilidade e saliência de línguas e sinalizações públicas e comerciais num dado território e região” é Paisagem Linguística (PL). E conforme Bagno (2017), sabemos que no objetivo dos estudos sociolinguísticos sobre Paisagem Linguística consiste em entender como as línguas são usadas de forma visual em sociedades monolíngues, bilíngues e multilíngues. Além disso, esse fator linguístico pode expressar pontos de vista, ideias, a relevância em nível local de uma língua e etc.. Por meio da coleta fotográfica de publicações expostas pela cidade, conseguimos confirmar a existência das variações do falar cacerense materializadas em uma placa residencial, e em fachadas comerciais e escolar.

Tais variações correspondem aos usos das africadas [tch/ʈ] em vez das fricativas [ch/ʃ] nessas Paisagens Linguísticas locais. Na tabela abaixo, indicamos o resultado das coletas dos dados encontrados:

Quadro 1: seleção do *corpus* da pesquisa.

Africadas [tch / ʈ]	Tipo de material de publicação	Traço em estudo
“Cuidado Xulim Brabo”	Fotografia de placa de aviso residencial	Realização da africada [ʈ] em vez da fricativa [ʃ]
“Distribuidora Xomano”	Fachada comercial de distribuidora	Realização da africada [ʈ] em vez da fricativa [ʃ]
“Xô Mano’s Barber Shop”	Fachada comercial de barbearia	Realização da africada [ʈ] em vez da fricativa [ʃ]
“Xo Mano, use a consciência”	Fotografia de mural artístico urbano	Realização da africada [ʈ] em vez da fricativa [ʃ]
“Tchama Nós”	Fotografia de um carro de aplicativo	Realização da africada [ʈ] em vez da fricativa [ʃ] grafadas com tch

Fonte: Construção das autoras, Cáceres, 2025.

Como podemos observar no Quadro 1, a presença da realização africada [ʈ], representada graficamente por "tch", na Paisagem Linguística da cidade de Cáceres, constitui um traço distintivo e recorrente no falar local. Tal fenômeno, anteriormente circunscrito ao plano da oralidade, ultrapassa os limites da fala e se inscreve também na esfera da escrita, como evidenciam os registros fotográficos coletados em placas, fachadas e murais urbanos.

A materialização gráfica desse traço fonético evidencia não apenas a vitalidade da variante cacerense, mas também a sua legitimação simbólica como marca identitária dos nativos do Alto Pantanal. Desse modo, a escrita pública passa a funcionar como espaço de visibilidade para as variações linguísticas locais, tornando-as parte de uma gramática urbana que expressa pertencimento, memória e resistência cultural.

Com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, buscamos não apenas registrar, mas também analisar e compreender as motivações sociais e históricas que sustentam o uso da africada [tʃ] como elemento identitário. Nossa análise parte da hipótese de que essa realização fonética é parte de um continuum de práticas linguísticas herdadas e ressignificadas pelos falantes cacerenses, articulando tradição e inovação nos usos linguísticos cotidianos.

4 Análise dos Dados

Como resultado da verificação, comprovamos a presença do uso da variação linguística dispostas nas paisagens linguísticas de Cáceres. Das imagens coletadas de placas e fachadas locais, que demonstram os usos das africadas [tʃ/tʃ], temos as seguintes descrições: “Cuidado Xulim Brabo” (Imagem 1), escrita na placa de um portão residencial; “Distribuidora Xomano” (Imagem 2), nome de um comércio local, distribuidor de bebidas; “Xô Mano’s Barber Shop” (Imagem 3), uma barbearia que também vende roupas e acessórios; “Xo Mano, use a Consciência” (Imagem 4), um desenho artístico no muro de uma escola, cujo objetivo é conscientizar as pessoas que trafegam, principalmente, os motoristas e os motociclistas no trânsito; “Tchama Nós” (Imagem 5), nome de uma empresa de mobilidade urbana.

Imagem 1: Sinalização Residencial - Cuidado Xulim Brabo



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2022.

Conforme descrito no registro fotográfico da primeira imagem, observa-se que no termo ‘xulim’ é utilizado, principalmente, pelos cacerenses nativos mais velhos para designar o substantivo “cachorro”, um animal doméstico. A sinalização exposta na placa evidencia um aviso direcionado aos visitantes, alertando-os sobre a presença do animal considerado “brabo”, adjetivo popular empregado no português brasileiro em registros informais, com valor semântico negativo, e que remete à ideia de um cão feroz, perigoso ou agressivo.

O vocábulo ‘xulim’, grafado com [x] em vez de [ch], constitui um marcador da variante cacerense em nível gramatical e fonético-fonológico. Do ponto de vista fonético, apresenta as seguintes possibilidades de pronúncia: ‘xulim’ — em que o [x] equivale ao som [ʃ] — e ‘tchulim’, cuja transcrição fonética é [tʃuˈli], evidenciando a realização da africada [tʃ] em lugar da fricativa [ʃ]. Desse modo, identifica-se, no âmbito da fala e da escrita, uma variante típica da comunidade cacerense, que reforça traços fonológicos preservados de períodos anteriores da história da língua.

Essa análise permite ampliar a discussão para além da descrição linguística, ao reconhecer que tais marcas fonético-fonológicas não apenas caracterizam o falar cacerense, mas também se inserem no campo das práticas discursivas que produzem e reafirmam identidades culturais. Conforme Hall (2006), as identidades culturais são construídas historicamente, não sendo naturais ou fixas, mas continuamente (re)significadas nas relações sociais e nos processos de representação. Nesse sentido, o uso de ‘xulim’, tanto na oralidade quanto na materialidade escrita das paisagens linguísticas de Cáceres, constitui um gesto simbólico que reforça o pertencimento dos falantes a uma coletividade específica, inscrevendo no espaço urbano marcas que distinguem, cultural e linguisticamente, essa comunidade de outras. Tais práticas linguísticas reafirmam a identidade cultural dos cacerenses enquanto grupo social que compartilha referências, memórias e sentidos próprios, construindo narrativas sobre si mesmo a partir dos seus falares e dos usos locais da língua.

Imagem 2: Sinalização Comercial - Distribuidora Xomanos





No segundo registro da Paisagem Linguística analisada, observa-se na fachada comercial da distribuidora a presença da variante ‘Xomanos’, substantivo masculino simples grafado com [x] em vez de [ch], o que, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa brasileira, não corresponde à grafia convencionalmente aceita. Esse traço evidencia uma particularidade linguística local que merece ser analisada no contexto sociolinguístico da comunidade cacerense.

Em relação à pronúncia, a forma ‘xômano’ pode ser transcrita foneticamente como [ʃoˈmẽnu], na qual o [x] corresponde ao som [ʃ], enquanto a variante ‘tchômano’ apresenta a transcrição [tʃoˈmẽnu], caracterizada pela africada [tʃ]. Conforme descrito por Macedo-Karim (2012), a forma ‘Tchô’, grafada como ‘Xô’, carrega, no falar local, o valor de tratamento equivalente a ‘senhor/seu’ ou ‘senhora/sua’, revelando um traço característico da variante cacerense. Assim, essas formas podem ser encontradas registradas de maneira variável, ora com [x], ora com [ch] ou ainda com [tch], evidenciando a riqueza e a diversidade das variantes locais.

Segundo o Dicionário Cuiabanês de William Gomes (1996), o termo ‘xômano’ é compreendido como sinônimo de irmão/“mano” ou amigo, o que reforça a dimensão afetiva desse vocábulo no contexto mato-grossense. Na Paisagem Linguística analisada, o termo aparece no plural, ‘Xomanos’, o que sugere que os proprietários do estabelecimento desejam transmitir a ideia de parceria e proximidade, indicando que, mais do que sócios, consideram-se amigos ou até irmãos. Além disso, tal uso pode estender-se à clientela, estabelecendo com ela uma relação simbólica de amizade, acolhimento e fidelidade, aspectos muito valorizados nas relações comerciais e sociais em comunidades menores e de forte vínculo cultural, como é o caso de Cáceres.

Do ponto de vista sociolinguístico e identitário, tal ocorrência linguística inscreve-se no campo das práticas discursivas que, como salienta Stuart Hall (2006), produzem e reafirmam identidades culturais. A grafia e o uso do termo ‘Xomanos’ transcendem a norma linguística para afirmar um modo particular de ser, falar e se relacionar socialmente. As identidades culturais, conforme Hall, são construídas historicamente, não sendo naturais nem imutáveis, mas continuamente (re)elaboradas nas relações sociais, nos processos de representação e nas disputas simbólicas. Nesse sentido, a presença da variante ‘Xomanos’ no espaço urbano cacerense configura-se como uma marca identitária, revelando o pertencimento a uma

comunidade que valoriza suas formas próprias de dizer, de nomear e de construir sentidos coletivos. Assim, essas práticas linguísticas materializam no espaço físico da cidade as representações e os afetos que constituem a identidade cultural local, reafirmando a singularidade dos falares cacerenses no cenário mais amplo das variações da língua portuguesa.

Imagem 3: Sinalização comercial - Xô Mano's Barber Shop



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

Na terceira imagem analisada, observa-se a fachada comercial de uma barbearia que, além dos serviços de corte de cabelo e barba, anuncia também a venda de roupas, relógios e acessórios. No que diz respeito à variante linguística em foco, destaca-se a separação gráfica entre 'Xô', termo utilizado localmente com o sentido de 'senhor/seu', e 'Mano's', cuja acepção remete a amigo, irmão ou semelhantes, reforçando a ideia de proximidade e vínculo afetivos entre os barbeiros e seus clientes, que se apresentam não apenas como prestadores de serviços, mas como parceiros, amigos ou irmãos no contexto social em que se inserem.

Nesta Paisagem Linguística, verifica-se novamente a grafia de 'Tchô' como 'Xô', fenômeno recorrente no falar cacerense. Quanto às pronúncias, forma 'Xô Mano's' apresenta as seguintes transcrições fonéticas: [ʃo] para 'Xô' e [mɐnus] para 'Mano's', com a realização do fonema [ʃ] em lugar do [x], e [tʃo'mɐnus] para 'Tchô Mano's', evidenciando a presença da africada [tʃ] em substituição à fricativa [ʃ]. Assim, tanto na grafia quanto na oralidade, observa-se a alternância entre essas variantes, refletindo práticas fonético-fonológicas próprias da comunidade local.

Ademais, destaca-se o uso dos vocábulos em inglês 'Barber' e 'Shop', que, em português, correspondem respectivamente a barbeiro e loja/comércio. Tais usos constituem exemplos de estrangeirismo, prática comum de inserção de termos estrangeiros, em sua forma original, na Língua Portuguesa brasileira, especialmente em nomes comerciais e marcas que

buscam atribuir um valor simbólico associado à modernidade, ao prestígio ou à internacionalização.

Esse conjunto de marcas linguísticas evidencia não apenas um fenômeno de variação fonológica, mas também aspectos culturais mais amplos. Como aponta Stuart Hall (2006), as identidades culturais são historicamente construídas e continuamente reelaboradas por meio das práticas discursivas e das representações sociais. O uso das formas ‘Xô Mano’s’ e da terminologia estrangeiras no espaço urbano cacerense revela a convivência de traços locais e globais na constituição das identidades linguísticas e culturais. Nesse sentido, tais inscrições vão além da função comercial, reafirmando o pertencimento a uma comunidade que valoriza suas formas próprias de nomear, de se identificar e de se relacionar, ao mesmo tempo em que dialoga com outras referências culturais externas. A Paisagem Linguística, portanto, constitui espaço privilegiado para a materialização simbólica da identidade cultural cacerense.

Imagem 4: Sinalização na área escolar - Xo Mano, use a Consciência



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2023.

Na análise da quarta imagem, observa-se uma ilustração produzida pela ARTEMAT — Associação dos Artistas Plásticos do Estado de Mato Grosso em Cáceres, pintada no muro da Escola Municipal Isabel Campos. O propósito dessa arte visual é sensibilizar e conscientizar motoristas, motociclistas, ciclistas e pedestres acerca da importância de adotar comportamentos responsáveis e cuidadosos no trânsito. Trata-se de uma prática discursiva que busca, por meio da arte e da linguagem, intervir socialmente e promover atitudes que contribuam para a preservação da vida no espaço urbano.

A partir das análises anteriores acerca do termo ‘xômano’, é possível compreender as possíveis paráfrases implícitas na frase representada na pintura: “Amigo(a), use a consciência”,



“Irmão(ã), use a consciência” ou ainda “Senhor(a), use a consciência”. Assim, mais uma vez, confirma-se que a Paisagem Linguística em questão mobiliza marcas linguísticas que reforçam laços de proximidade, amizade, irmandade e respeito, dirigindo-se diretamente aos cidadãos — sejam amigos, irmãos ou senhores — que circulam pela cidade, convocando-os a refletirem sobre sua conduta no trânsito.

Tal como nos exemplos anteriores, a grafia ‘Xô Mano’ foi empregada de acordo com as práticas ortográficas características da variante cacerense. A transcrição fonética e as possibilidades de pronúncia para essa ocorrência repetem-se em relação às imagens 2 e 3, sendo [ʃo'menus] a forma mais frequente, com o [x] assumindo o valor fonético da fricativa [ʃ]. Alternativamente, verifica-se também a variante [tʃo'menus], que expressa a pronúncia com a africada [tʃ], evidenciando um traço próprio dos falares locais, especialmente entre os moradores mais antigos da cidade.

Nesse contexto, é possível afirmar que essa prática discursiva reafirma o pertencimento identitário dos cacerenses a uma tradição linguística própria, que se manifesta tanto na oralidade quanto na escrita. Conforme argumenta Stuart Hall (2006), as identidades culturais são construídas e reconstruídas continuamente no tempo, constituindo-se nas práticas sociais, nas representações simbólicas e nas relações cotidianas dos sujeitos. A inscrição do vocábulo ‘Xô Mano’ no espaço público da cidade, ao lado de uma mensagem de conscientização social, materializa essa identidade cultural em sua dimensão linguística, afetiva e social. A Paisagem Linguística, assim, se consolida como um espaço privilegiado para a expressão da memória coletiva e das formas de pertencimento que caracterizam a comunidade cacerense, reafirmando sua singularidade linguística e cultural em meio às transformações da modernidade.

Imagem 5: Veículo de mobilidade urbana - Tchama Nós



Fonte: Arquivo pessoal das autoras, 2025.



Na análise da imagem 5, observa-se um veículo do aplicativo Tchama Nós, que oferece serviços de mobilidade urbana remunerada na cidade de Cáceres. Diferentemente das grafias observadas nas imagens anteriores, nesta Paisagem Linguística verifica-se o uso explícito da sequência [tch], em lugar de [ch] ou [x], evidenciando a presença da africada [tʃ]. Essa grafia reflete a combinação de dois tipos de sons: uma oclusiva [t] no início e uma fricativa [ʃ] no final, conforme se constata na transcrição fonética da expressão ‘Tchama Nós’, registrada como [ˈtʃɐmɐ ˈnɔjs]. No uso cotidiano, ao “tchamar” [tʃɐˈmaʁ] — segundo a pronúncia típica dos cacerenses nativos — os usuários solicitam, por meio do aplicativo, um veículo para realizar seus deslocamentos pela cidade.

No que se refere ao termo ‘Nóis’, derivado de ‘Nós’, pronome pessoal do caso reto da primeira pessoa do plural, observa-se que a grafia adotada reflete a forma popular de pronúncia, registrando na escrita a forma como efetivamente circula na oralidade. Ao exercer a função de sujeito da oração, o termo sugere que “nós”, no caso, os motoristas — sujeitos da frase e prestadores de serviço vinculados à empresa —, ao serem chamados, cumprirão a função de transportar os passageiros. Segundo informações divulgadas nas redes sociais da própria empresa, o serviço é ofertado diariamente, com atendimento descrito como rápido, prático e seguro.

No tocante às realizações africadas, Macedo-Karim (2012), em sua tese de doutorado dedicada à comunidade de São Lourenço, em Cáceres, constatou que as consoantes africadas tendem, ao longo do tempo, a passar a fricativas correspondentes. Nessa perspectiva, o uso das africadas [tch/tchô = Xô] no contexto da Paisagem Linguística cacerense pode ser atribuído a fatores linguísticos e sociais, bem como à conservação de traços do português arcaico, herdados do período colonial. Ainda segundo Macedo-Karim (2012), tais marcas foram identificadas não apenas no nível fonético-fonológico, mas também no nível lexical, com a substituição de ‘tchá’ e ‘tchô’ por ‘senhora’ e ‘senhor’, respectivamente, em diferentes situações comunicativas. Complementando essa perspectiva, Reis (2022) destaca que traços fonético-fonológicos como [ʃ/tch] e [dʒ/dj], característicos da região do Minho, no Norte de Portugal, desde o período das navegações e das ocupações portuguesas, ainda hoje se fazem presentes no português falado em Cáceres.

Dessa forma, as análises desenvolvidas permitem concluir que as grafias, pronúncias e transcrições fonéticas evidenciam a existência de variações linguísticas materializadas nas práticas discursivas cotidianas da cidade de Cáceres. Observa-se que tais variações ocorrem tanto no nível gramatical quanto no fonológico e que esses fenômenos linguísticos



ultrapassaram o domínio exclusivo da oralidade, consolidando-se também na esfera da escrita, sobretudo nas práticas visuais e comerciais da Paisagem Linguística local.

5 Considerações Finais

Com base na teoria da Sociolinguística Variacionista, analisamos a língua em contextos de uso real, partindo da investigação da Paisagem Linguística como prática social que reflete e materializa os falares de uma determinada comunidade. Tal abordagem implica compreender a dinâmica da comunidade linguística cacerense, que, para além da oralidade, passou a se comunicar também por meio de signos visuais, ou seja, por meio de uma linguagem não verbal presente em placas, fachadas e ilustrações, as quais veiculam imagens e textos que materializam a variante linguística própria de Cáceres.

No que diz respeito à coleta das ocorrências da africada [tch] nas materialidades que compõem a Paisagem Linguística da cidade, constatamos que esse fenômeno linguístico ultrapassou o domínio da oralidade, consolidando-se também na modalidade escrita, adquirindo, assim, uma gramática própria que reforça e legitima a variante cacerense como traço identitário. Tal processo evidencia como a língua, em seus usos sociais concretos, pode ressignificar formas de dizer, promovendo sua fixação no espaço público por meio da escrita.

Este estudo contribui para o reconhecimento das variações linguísticas presentes tanto na fala quanto, mais recentemente, na escrita dos cacerenses, compreendendo-as como uma legítima herança linguística e marca constitutiva da identidade local. Por integrarem uma rede de significados vinculada a práticas culturais e sociais específicas — que remontam à preservação de traços do português arcaico da época colonial, somados às influências de migrantes que contribuíram para a constituição do repertório linguístico da região —, tais variações configuram-se como elementos essenciais para a compreensão das formas de pertencimento e das identidades locais.

Estudos como este são, portanto, fundamentais para o aprofundamento das descrições sociolinguísticas, na medida em que fornecem subsídios para a valorização dos comportamentos linguísticos dos habitantes da cidade de Cáceres. Ao reconhecer essas práticas como legítimas, promove-se o respeito às suas variantes e às suas realizações, reafirmando o papel da linguagem como componente constitutivo da identidade cultural e social da comunidade.

6 Referências

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 nº 01 (2025): e14069
ISSN: 2358-8403
<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.14069>



BAGNO, Marcos. **Dicionário Crítico de Sociolinguística**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BRIGHT, William. **As Dimensões da Sociolinguística**. In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F. (orgs.). Sociolinguística. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. (Tradução de Marcos Marcionilo) São Paulo: Parábola, 2002.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ECKERT, Penelope. **Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation**. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto. 41: 87-100, 2012.

FREITAG, Raquel Meister Ko; Martins, Marco Antônio; Tavares, Maria Alice. **Banco de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações**. Alfa, 56: 917-944, 2012.

GOMES, William. **Dicionário Cuiabanês**. Cuiabá: UFMT, sd, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos** (1972). Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LANDRY, R. Bourhis, R., Y. **Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study**. *Journal of Language and Social Psychology*. Vol. 16, nº1, 1997.

MACEDO KARIM, Jocineide. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. 2012, M151c. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

REIS, Mirami Gonçalves Sá. **Aspectos Sociolinguísticos da Variedade Cacerense**. 2020, R375a. Tese de Doutorado, Universidade do Estado de Mato Grosso.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28º ed. Editora: Cultrix, 2012.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 8ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 2010.

VELOSO, Rafaela. **As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas**. Artigo da XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística Y Filología de América Latina (ALFAL 2014). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa - Paraíba, Brasil.